



Espírito de tolerância congrega grupos religiosos na universidade

Págs. 6 e 7

**Nefrologista explica importância da
água no organismo**

Pág. 5

**UFF apresenta brasão e símbolos
heráldicos para Jubileu de Ouro**

Pág. 9

Da Redação

Conforme esta coluna registrou no final de 2008, continuaremos a divulgar boas notícias da universidade. Comentários como “o **Jornal da UFF** só divulga boas notícias” não nos deixam nem um pouco inibidos. Vários canais existem para divulgar e disparar problemas, e até inverdades. Mas estudos, pesquisas, descobertas também formam o nosso cotidiano, além das dificuldades inerentes ao trabalho. Portanto, estamos cientes de que essas divulgações devem ser de interesse e mesmo um propósito comum a todas as instituições, sobretudo as públicas, como forma de mostrar à sociedade o retorno de seus investimentos e ao governo como é importante que eles sejam mantidos e ampliados.

A UFF é centro de pesquisa e de excelência em diversas áreas. Assim, o Núcleo de Comunicação Social (Nucs) e a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (Propp) estão organizando um plano de divulgação dos estudos e trabalhos produzidos na UFF. A divulgação científica forma espíritos críticos e, além de democratizar o saber, é, indubitavelmente, uma etapa da própria produção científica. O Setor de Jornalismo do Nucs está preparado para receber, trabalhar e divulgar esse tipo de informações.

A Nasa reconheceu a descoberta feita por dois professores do Instituto de Física. Em março, o satélite russo *Konus-Wind*, administrado pela Nasa, detectou uma explosão de raios gama (GRB), que são provenientes de supernovas – estrelas gigantes que explodem no fim da vida. Esses fenômenos são os mais luminosos que acontecem no universo.

Os professores da UFF Carlos Navia e Carlos Roberto Alves Augusto analisaram os dados registrados pelo Telescópio Tupi do laboratório da UFF e encontraram excesso de muons (partículas subatômicas produzidas pelos raios gama) exatamente no mesmo horário registrado pelo satélite russo. Navia e Alves Augusto calcularam as coordenadas registradas pelo Tupi, que mostram o local do céu onde ocorreu o fenômeno. A Nasa confirmou a avaliação dos pesquisadores e, pela primeira vez, esse cálculo foi feito baseado em dados obtidos no solo e confirmados.

Os pesquisadores da UFF foram precursores no mundo nessa descoberta. A equipe do Tupi foi convidada para assinar a circular anunciando a descoberta.

Já foi dada a largada para a organização do ano do Jubileu de Ouro da UFF, celebrado em 2010. A comissão presidida pela professora Ismênia de Lima Martins organizará os eventos comemorativos.

Boa leitura.

Rosane Fernandes
Editora-Chefe

Descoberta da Doença de Chagas – cem anos de contribuição científica do Brasil

Evandro Tinoco Mesquita

Professor de Cardiologia da Faculdade de Medicina da UFF



A descrição da Doença de Chagas é a mais importante contribuição científica brasileira para a área de saúde do século XX. O grande professor doutor Carlos Chagas era ainda um jovem médico quando, no interior de Minas Gerais, identificou o agente causador da doença, o vetor — o inseto triatomídeo, vulgarmente chamado de “chupão” ou “barbeiro” —, além de descrevê-la nos humanos. O feito foi pioneiro na história da medicina, pois um mesmo indivíduo identificou todo o espectro da doença, propiciando o desenvolvimento de ações que poderiam promover a prevenção da enfermidade, hoje conhecida como Mal de Chagas.

Estima-se que, no mundo, cem milhões de pessoas estejam em áreas de risco, distribuídas por 18 países do continente americano. Mas a Doença de Chagas, na sua forma crônica, tem sido observada também nos Estados Unidos e na Europa, devido ao fenômeno migratório das populações. Infelizmente, não temos ainda uma vacina para a sua prevenção e tampouco existem novos medicamentos aplicáveis a doentes crônicos.

A Doença de Chagas, embora erradicada em nosso país, ainda é um significativo problema médico-social. Possuímos cerca de seis milhões de indivíduos infectados, e cerca de cinco mil mortes ocorrem a cada ano em decorrência desta doença, sobretudo das suas complicações que atingem, principalmente, o coração. O jovem Chagas foi um estudante determinado, comprometido com as bases científicas da medicina e com sólidos conhecimentos de medicina clínica e laboratorial, o que lhe permitiu, mesmo de maneira solitária, descrever a doença no interior de Minas Gerais. O seu feito genial fez com que o brilhante professor Miguel Couto, seguido pelos demais membros da Academia Nacional de Medicina, o tornassem membro daquela prestigiosa academia, abrindo uma nova cadeira para o jovem cientista. Por razões extracientíficas, provavelmente interferências políticas ainda não totalmente esclarecidas, não foi dado ao brilhante Carlos Chagas o Prêmio Nobel de Medicina. Não obstante, a sua trajetória como médico, professor e líder da comunidade

científica e a grandeza de sua descoberta representam um grande orgulho para nós, profissionais da saúde.

O Brasil tem colaborado com inúmeros avanços em relação ao Mal de Chagas, frutos do árduo trabalho de professores, investigadores e institutos de pesquisa em medicina tropical, como, por exemplo, o prestigioso Instituto Oswaldo Cruz (Manguinhos), que têm promovido importantes avanços no entendimento da doença.

A Academia Fluminense de Medicina, o Instituto Nacional de Cardiologia e o Curso de Pós-Graduação em Ciências Cardiovasculares da UFF realizaram uma conferência magna do ilustre professor e acadêmico Charles Mady, sobre os cem anos da descoberta da doença e as contribuições do Incor/USP na pesquisa da Doença de Chagas.

A ciência é fruto do contínuo processo de produção intelectual que emerge das pós-graduações, por meio da interação do pesquisador e seus alunos (mestrands e doutorandos), gerando novas evidências científicas e também patentes.

O nosso estado vive um momento importante de crescimento científico na área de saúde, por meio do aumento do número e da qualidade dos programas de pós-graduação. O apoio ao desenvolvimento da ciência, realizado pelas agências estatais de fomento à pesquisa — Faperj, Finep e CNPq —, tem sido fundamental para o avanço científico no Estado do Rio de Janeiro. Os nossos alunos da graduação, precocemente, já estão envolvidos com programas de iniciação científica, que irão produzir novos pesquisadores, num promissor ciclo virtuoso que está se consolidando em nosso meio.

Em Niterói, estamos iniciando um novo centro de produção e geração de pesquisas e conhecimento das enfermidades cardiovasculares, causa líder de morte em nossa região, com a criação do curso de doutorado em Ciências Cardiovasculares da UFF. E, para isso, é condição *sine qua non* olhar o passado, para que os jovens de hoje aprendam como aquele jovem médico-pesquisador se tornou um ícone da ciência médica no Brasil e no mundo. ●

Tecnologia a serviço da beleza



Eliza Câmara

Arte e diagramação: Daniel Fernandez

Numa época em que a magreza excessiva não era sinônimo de beleza e as garotas não se matavam para entrar em um jeans 36, Vinícius de Moraes já dizia: “As feias que me perdoem, mas beleza é fundamental”.

Se a vaidade faz parte da natureza humana, pesquisadores vêm, ao longo do tempo, se dedicando a estudar e buscar novos tratamentos que satisfaçam o desejo do corpo perfeito. Surge daí a tecnologia a serviço da beleza com equipamentos e técnicas revolucionárias. E são vários os aparelhos.

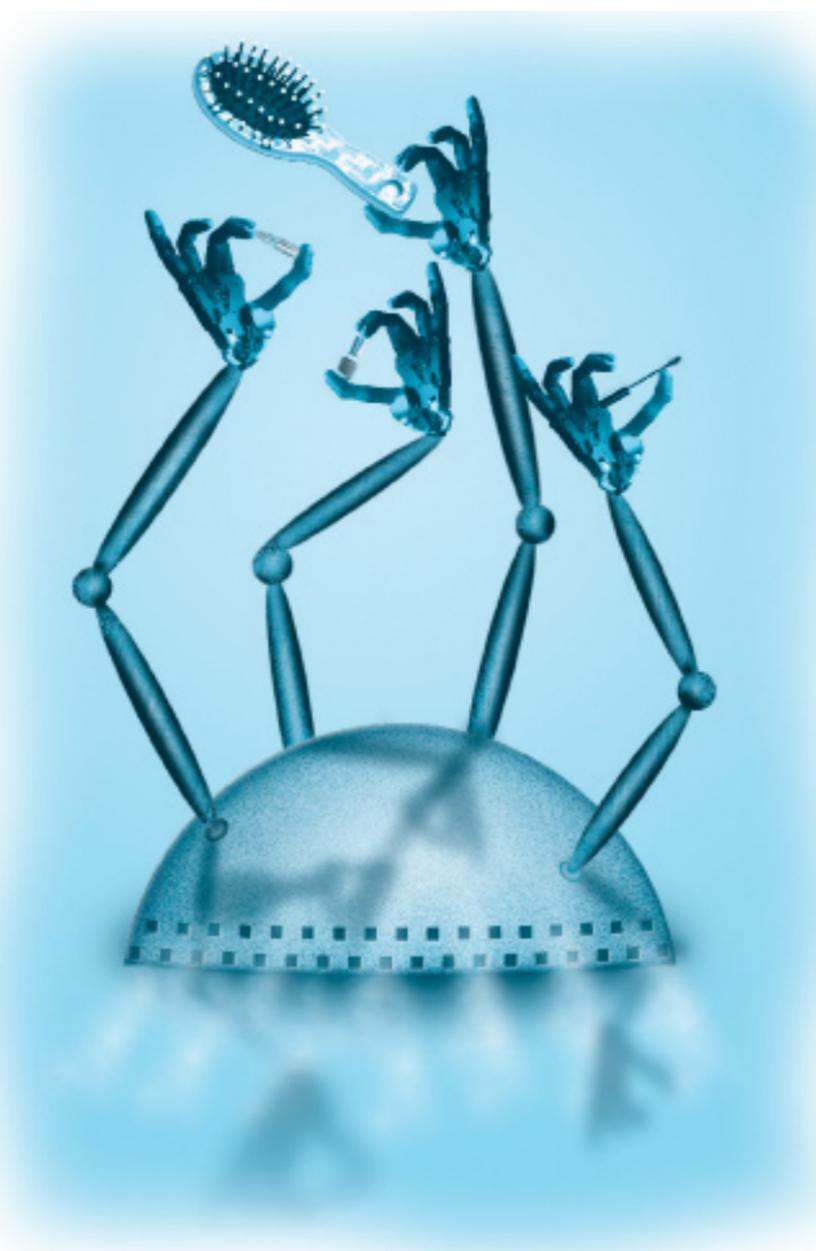
O *Accent XL* é um aparelho israelense de radiofrequência que aquece as fibras de colágeno, regenerando-o, além de aumentar a circulação e drenagem, com conseqüente rompimento das células de gordura que caem na corrente sanguínea e são eliminadas. Segundo a dermatologista e professora do Departamento de Medicina Clínica, Jane Marcy Neffa Pinto, ele é utilizado para redução da flacidez de pequenas áreas, como as presentes abaixo do queixo e braços. Também é complementar a lipoesculturas que abrangem grandes áreas, pois homogeneiza a camada submetida à intervenção melhorando o aspecto visual. Um mínimo de quatro sessões é necessário para se ter uma noção real dos efeitos. Um fator limitador da quantidade de sessões a serem realizadas é o seu custo. É um tratamento liberado pela Anvisa e não tem relato de efeitos colaterais.

Já a carboxiterapia é o termo conhecido na terapêutica subcutânea do gás carbônico. Desenvolvida na França, sua ação farmacológica consiste na melhora da microcirculação e da oxigenação dos tecidos, auxiliando na dissolução dos nódulos de celulite e na ruptura das células de gordura. Na opinião de Jane Marcy, o resultado do uso desse método não é satisfatório. A textura da pele não fica muito homogênea, além de ser um procedimento doloroso.

Para a especialista, a endermologia, que é uma massagem feita com ajuda de um aparelho a vácuo, é a drenagem linfática mais efetiva, pois consegue resultado mais exuberante

do que a drenagem manual. Melhora a vascularização da área e promove a desagregação das moléculas de gordura e a eliminação de toxinas.

Uma solução não-invasiva que vem



sendo muito indicada por dermatologistas é o *UltraShape*. Também aprovado pela Anvisa, é um sistema não-térmico que utiliza o ultrassom para redução de gordura localizada e contorno corporal.

Com a finalidade de eliminar de vez a celulite, uma novidade que chegou ao mercado brasileiro recentemente é o *Velashape*. Ele une quatro tecnologias já conhecidas no combate à celulite: radiofrequência, infravermelho, sucção e pressão mecânica. O aquecimento provocado pelo infravermelho e a radiofrequência aumenta o metabolismo das células gordurosas, diminuindo o tamanho delas. Além disso, estimula a produção de colágeno melhorando a textura da pele. Já a sucção e o rolamento mecânico ativam a circulação e ajudam na eli-

minação de toxinas. Ou seja, é um aparelho que associa todas as técnicas anteriores e dispensa a drenagem linfática.

Segundo a professora Jane Marcy, para o rejuvenescimento da pele do rosto, tratamento de diversos tipos de manchas, remoção de cicatrizes provocadas por acne e flacidez leve a moderada da pele, bem como a eliminação de estrias, tem surgido uma nova geração de aparelhos a *laser*. O *Fraxel Laser* estimula uma nova formação de colágeno, garantindo melhora na qualidade da pele. Mais agressivos, o *Laser de CO2* e o *Pixel Laser* geram grande calor na derme, o que promove um rearranjo do colágeno. Já o *Gentle Wave* é um procedimento mais superficial que utiliza uma luz amarela para estimular a produção de colágeno e é indicado na terapêutica da acne e eritema facial.

Já para melhorar o tônus muscular tem sido indicado o *Manthus*, aparelho de ultra-som, e o *Phydias*, que emite correntes elétricas que promovem a contração de fibras musculares.

Outro tratamento que não necessita de aparelho, mas sobre o qual a especialista alerta, é a intradermoterapia ou mesoterapia. Nessa técnica são injetadas substâncias na pele para melhorar a circulação, promover a quebra de gordura e, no caso de estrias, estimular a produção de colágeno. A dermatologista afirma que “se deve ter muito cuidado com o que se injeta na pele, pois substâncias que possam estimular o colágeno podem favorecer o desenvolvimento de doenças”. Para ela, as substâncias usadas são várias e não

têm controle.

De acordo com a professora, não se deve utilizar diversas técnicas concomitantes, pois perde-se a noção do efeito produzido para cada aparelho. “O ideal é fazer uma composição de técnicas que se somem, que se complementem. Uma consulta ao dermatologista é fundamental para avaliação e indicação do melhor tratamento em cada caso específico”, aconselhou.

Diante de tantas opções, ela é enfática: “A duração do efeito provocado por esses aparelhos está associada a uma alimentação balanceada e à realização de atividade física”. Portanto, estes aparelhos são apenas coadjuvantes das práticas tradicionais e de uma boa forma física. ◉

A matemática no combate à dengue



Luiza Peluso

Arte e diagramação: Daniel Fernandez

A melhor maneira de se evitar uma epidemia de dengue é fazendo a prevenção. De que maneira? Construa dez armadilhas, espalhe cinco pelo seu quintal e dê as outras cinco aos vizinhos, amigos e parentes. Peça que cada um deles faça o mesmo. Se cada um fizer a sua parte, em três rodadas apenas, serão 1.560 armadilhas, e daí, em até 35 dias, a fêmea do mosquito estará morta. Conclusão: se não tiverem colocado os ovos em local onde estes possam se transformar em mosquitos, serão 1.560.000 (1,560x10x100) insetos a menos.

O número é este mesmo: mais de 1,5 milhão de mosquitos, considerando que cada armadilha será utilizada por pelo menos dez fêmeas e que estas coloquem ovos apenas quatro vezes na sua vida adulta.

Com o quadro alarmante de dengue em todo o Estado do Rio de Janeiro, teve início neste ano, na UFF, uma ação conjunta interdisciplinar de professores e servidores de diversos setores para prevenção e combate à doença. O símbolo da campanha é a “mosquitérica”, um aparelho de preparação simples, mas comprovadamente eficaz, em especial, contra a fêmea do mosquito *Aedes aegypti* e outros insetos.

Os primeiros na UFF a conhecer a mosquitérica foram os funcionários da Luso, companhia de limpeza. Eles participaram de uma oficina de sensibilização sobre o tema e aprenderam, com uma equipe de professores do Instituto Biomédico, a confeccionar a armadilha.

“Eles ganharam todo o material para confecção da armadilha e o levaram para reprodução em suas casas”, informou a professora Cláudia Uchoa, uma das integrantes da equipe. O material consiste em uma lixa, um pedaço de microtule (tecido

semelhante a uma rede) e fita isolante, além de uma garrafa PET. “É necessário colocar algum tipo de alimento (grãos de arroz ou alpiste amassados) na água para atrair o mosquito porque até eles têm instinto materno”, enfatizou Cláudia.

A equipe é formada pelas professoras Cláudia Uchoa e Ana Maria Pinto, do Departamento de Microbiologia e Parasitologia; Helena Rodrigues Lopes, coordenadora do curso de Biomedicina; e Hye Chung Kang, da Patologia do Hospital Universitário Antônio Pedro. O objetivo dessa primeira parte do projeto de combate à dengue foi direcionado ao grupo de funcionários da Luso e consistiu no trabalho de conscientização para que eles possam agir como polarizadores e propagadores do material em toda a comunidade universitária.

Ao projeto do Instituto Biomédico está associado o de divulgação e marketing, sob a responsabilidade da professora Rosa Benevento, do Instituto de Arte e Comunicação Social (IACS), além de contar com apoio do Departamento de Assuntos Comunitários (DAC) e da Superintendência de Administração (SDA).

A segunda etapa da divulgação da campanha foi realizada no Campus do Gragoatá, e dois stands integraram as atividades do Programa de Acolhimento Estudantil. O do IACS apresentou a sua participação no projeto institucional, com o título “Eu odeio a mosquita”, e mostrou o material de divulgação: brindes promocionais como *bottons*, adesivos para carros, além de peças teatrais e filmes sobre o tema que deverão ser exibidos em eventos durante todo o ano.

Com o título “Caiu na rede é dengue”, professores e estudantes do Instituto Biomédico montaram uma tenda contendo

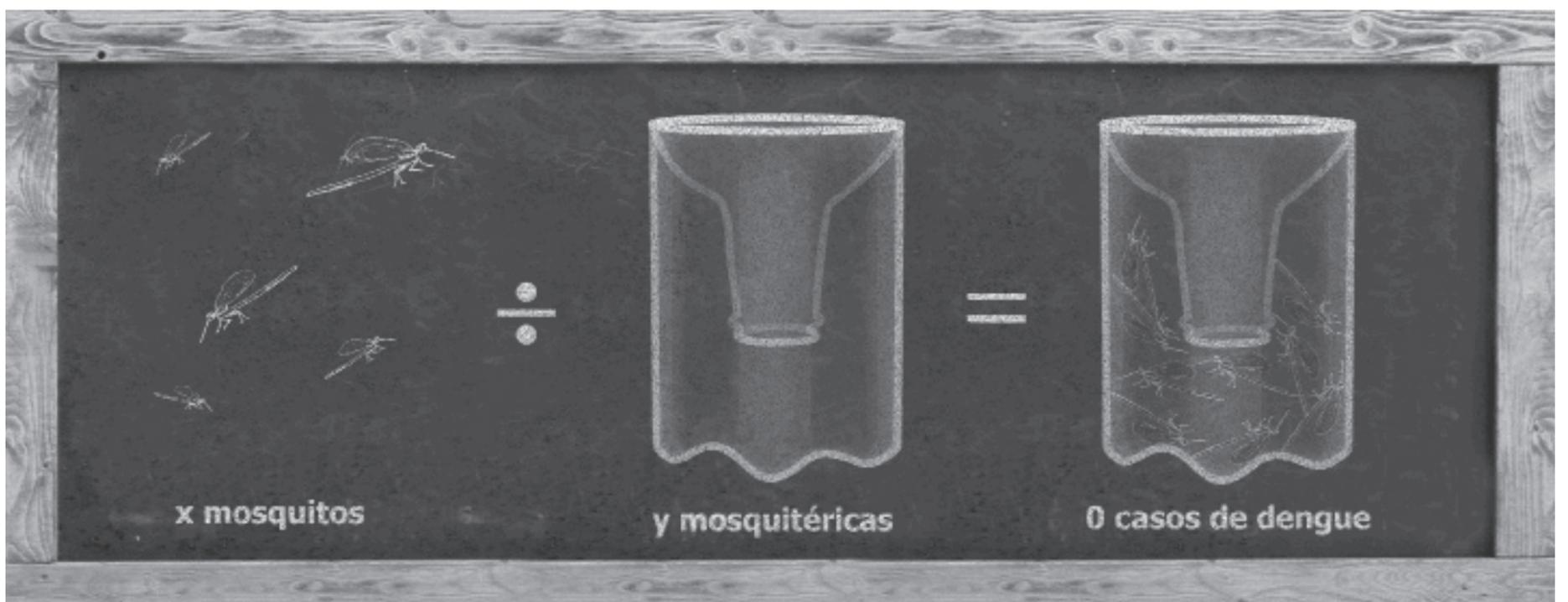
um vídeo explicativo para confecção da mosquitérica e a maquete de uma casa de um metro de altura, assinalando onde os mosquitos costumam se alojar. “O *Aedes aegypti* gosta principalmente de ambientes domésticos e geralmente escolhe lugares quentes e úmidos. Isso se justifica pelas fêmeas necessitarem de sangue para maturação dos ovos”, frisou a professora Helena Lopes, que recomenda a água sanitária como produto doméstico eficaz e que deve ser colocado duas vezes por semana, pelo menos, nos vasos sanitários.

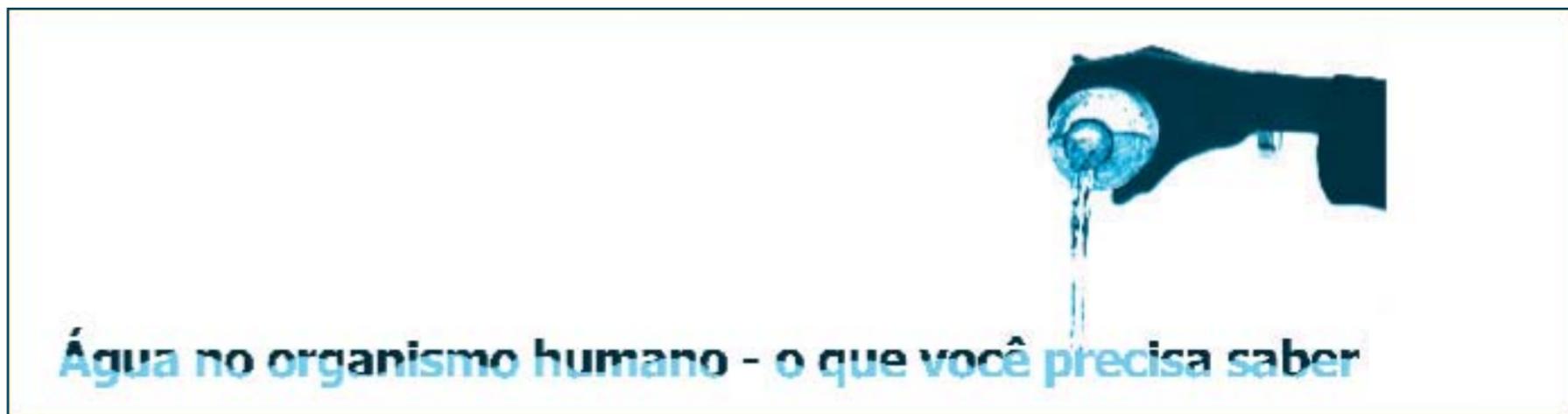
Caso seja evidenciado um caso de dengue, não deve ser receitada aspirina ou AAS à pessoa infectada por causa do efeito colateral do ácido salicílico, como sangramento de mucosa, que pode acelerar o quadro de dengue hemorrágica.

Segundo a professora Ana Maria, a vacina contra a dengue ainda está em estudo, e para evitar uma epidemia, reforça que deverão ser tomados muitos cuidados com o paciente. “O indivíduo com dengue é uma fonte de vírus durante os cinco dias de doença clínica (fase onde aparecem os sintomas). Durante estes dias mais graves, o indivíduo infectado deverá ficar protegido com um filó ou mosquiteiro que se usa em berços para proteção dos bebês. Essa é uma forma de prevenção para os mosquitos não fazerem o repasto (sugar o sangue e se infectar), contaminando mais pessoas”, orientou.

O uso do filó, para proteger o indivíduo infectado, foi recomendado, no início do século XX, pelo sanitarista Oswaldo Cruz, na campanha de combate à febre amarela.

A criação da mosquitérica é de autoria do professor Maulori Cabral, do Centro de Ciências da Saúde, da UFRJ, que autorizou o seu uso e divulgação pela equipe de professores da UFF, ressaltou Helena Lopes. ●





Regina Schneiderman

Arte e diagramação: Daniel Fernandez e Bruno Madeira

Com a vida agitada das grandes cidades e um estilo de vida voltado para o consumo desenfreado, as pessoas vão se afastando da natureza e perdendo a noção do que é essencial e importante. Essa é uma questão para a qual cada um tem a sua resposta, mas uma delas, sem dúvida, é a água, fundamental para a vida humana. Para responder a algumas perguntas sobre a importância da água para o nosso organismo, o **Jornal da UFF** conversou com o médico Jocemir Ronaldo Lugon, que é professor titular de Nefrologia e atual chefe do Serviço de Nefrologia da UFF.

Jornal da UFF – Sabemos que a maior parte do corpo humano é formada por água. Qual é esse percentual?

Jocemir Lugon – O percentual é de cerca de 60%.

Jornal da UFF – Existe diferença desse percentual para homens e mulheres e entre as diferentes fases da vida, em crianças, adultos e idosos?

Jocemir Lugon – Sim, existe diferença nesses dois casos. No homem adulto o percentual de água é de 60%, e esse período vai dos 15 aos 40 anos. Já de 41 a 60 anos, o percentual masculino cai para 55%. Em mulheres adultas, dos 15 aos 40 anos, o percentual é de 55% e entre 41 e 60 anos, cai para 50%. Isso ocorre porque a mulher tem mais gordura corporal. Depois dos 60 anos, as diferenças se atenuam, e o percentual entre homens e mulheres passa a ser igual, e é de 50%. No nascimento, o percentual de água corporal é maior, chegando a 80%.

Jornal da UFF – Para termos uma vida saudável e equilibrada, qual é a recomendação sobre a quantidade de água que devemos beber por dia?

Jocemir Lugon – A quantidade varia de dois a três litros por dia. Não precisa ser somente água, mas todo tipo de fluidos que podem ser refrigerantes, sucos, café, chás, etc. Essa quantidade é baseada em evidência médica e suficiente para a pessoa estar muito bem.

Jornal da UFF – Quais os cuidados que as pessoas devem ter na hora de beber água, em casa e na rua? A água que bebemos pode ser de que tipo (fervida, filtrada, mineral)? Qual o cuidado que devemos ter para não beber uma água contaminada?

Jocemir Lugon – A água filtrada potável é ideal. A filtragem melhora a potabilidade e é suficiente para o consumo humano. Quem mora em casa deve prestar atenção na caixa d'água ou reservatório de água que deve ser higienizado a cada seis meses. Depois disso, a filtragem é suficiente. Quando se está na rua, o ideal é procurar consumir água mineral de marcas mais conhecidas que já passaram por testes de qualidade.

Jornal da UFF – Que tipos de doenças são veiculados pela água, ou seja, quando a água que se

bebe está contaminada?

Jocemir Lugon – As parasitoses, como a giardíase e as doenças bacterianas, podem ser veiculadas pela água. A hepatite A é contraída por meio da contaminação oro-fecal, e pode ser veiculada pela água contaminada pelas fezes. Esse tipo de contaminação não é muito difícil de acontecer e ocorre quando os poços de água das casas não são construídos dentro de condições ideais. Estes poços devem ser bem vedados para que não haja esse tipo de contaminação. A água também pode ser contaminada pelos coliformes fecais que provocam infecção intestinal. Existe uma classificação que mede a pureza da água conforme o grau de concentração de coliformes na água. No sistema público, a água fornecida é tratada na origem, enquanto a de poço, geralmente, ninguém a examina. Em caso de dúvida, o melhor é ferver e depois filtrar. O ideal é que a água de poço seja examinada para que se possa conhecer tanto a sua composição quanto a sua pureza. Essa água pode ser rica em algum mineral, como o manganês e não ser apropriada para o consumo humano. Também existe a “doença da enchente”, que é transmitida pela urina do rato e provoca a leptospirose e compromete coração, rins, pulmões, ou seja, os órgãos vitais.

Jornal da UFF – A água de chuva também pode ser usada para ser bebida?

Jocemir Lugon – Em alguns lugares a água da chuva é recolhida para o consumo, mas, dependendo do lugar, essa água pode estar cheia de produtos químicos, como em locais onde há muita poluição do ar. O ideal é que as águas captadas da chuva também sejam examinadas para garantir sua potabilidade. Por exemplo, em Fernando de Noronha é feita a dessalinização da água do mar, o que a torna própria para o consumo humano. A água passa por um filtro muito fino que rejeita os seus solutos. A água que passa por essa membrana é praticamente pura. Esse processo chama-se osmose reversa.

Jornal da UFF – Se as pessoas não bebem a quantidade de água recomendada para manter uma vida saudável, o que isso pode acarretar para o organismo?

Jocemir Lugon – As pessoas que bebem pouca água facilitam o aparecimento de cálculos renais e infecção urinária. O cálculo pode provocar dor quando entope a via urinária e impede a passagem da urina. Tanto o cálculo quanto o sangue na urina favorecem o aparecimento de infecção.

Jornal da UFF – Que sinais o organismo dá que apontam para a necessidade de água?

Jocemir Lugon – A sede é o grande sinal de alerta de que a gente precisa beber. Existem casos em que a pessoa depende dos outros para beber água, por exemplo, uma pessoa com seqüela de derrame e

que não pode falar. Neste caso, a oferta de água deve ser garantida ou ela terá problema de perda por aporte inadequado do líquido. No caso de quem joga futebol, a pessoa tem uma perda maior de suor, e para repô-la, deve consumir bebidas isotônicas (que têm composição parecida com a do suor) e não somente água. Nos casos de diarreia, para compensar a diminuição de líquido no organismo, a recomendação é que se faça a reposição com soro caseiro (para cada litro de água são necessárias duas colheres de sopa de açúcar e uma colher de café de sal). A desidratação é mais comum em crianças e idosos porque eles não têm autonomia e, por isso, podem apresentar deficiência no consumo de água.

Jornal da UFF – Quais os órgãos mais atingidos pela carência de água no corpo?

Jocemir Lugon – O rim é bastante sacrificado quando há carência de água. Ele é o único órgão capaz de reter água quando precisamos. Por exemplo, se você está no deserto e não tem água para beber, a urina fica mais amarelada e concentrada, porque o rim está economizando água. O rim regula a quantidade que é excretada ou não, graças a um mecanismo cerebral, que faz esse controle por meio do hormônio antidiurético ou “vassopressina”. Este hormônio é produzido no cérebro para manter os estoques de água no corpo. Ele poupa água e funciona como uma balança. Os sintomas de desidratação são a boca e as mucosas secas, que se ferem, o suor desaparece e a pele perde a elasticidade. A pressão arterial pode cair. O cálculo renal vai ser uma complicação em longo prazo. O rim fica mantendo a urina muito concentrada, o que acaba predispondo a precipitação dos cristais. Isso é acompanhado por dor e perda de sangue.

Jocemir Ronaldo Lugon está na UFF desde 1979. O Serviço de Nefrologia do Hospital Universitário Antônio Pedro realiza cerca de 300 sessões de diálise por mês, e são atendidos apenas pacientes crônicos que apresentam algum tipo de intercorrência médica. Alguns são tratados pelo método de diálise peritoneal automática, em que são treinados para o serviço, e eles mesmos fazem o tratamento em casa. Ainda há o programa de diálise ambulatorial peritoneal que atende 25 pacientes.

Espiritualidade diversificada:



Matheus Zanon

Arte e diagramação: Daniel Fernandez e Bruno Madeira

Tudo começa na formação cultural do país – portugueses em contato com negros e índios e mais tarde com imigrantes de todas as partes do mundo. Se o berço da nação chamada Brasil já foi marcado pela mistura, o cenário religioso atual não poderia ser diferente. Para se ter uma vaga noção da diversidade, no último censo realizado pelo IBGE, em 2000, para a pergunta “qual é a sua religião?”, foram registradas cerca de 35 mil respostas diferentes. Segundo Mahatma Gandhi, “na verdade, há tantas religiões quantos forem os indivíduos”.

A mesma pesquisa traçou um perfil, em percentual da divisão da população por crenças. Os que se diziam católicos somam 73,6%; evangélicos, 15,4%; espíritas e adeptos de religiões afrobrasileiras, 1,6%; e outros 6,7%.

Numa época em que pesquisadores voltam os olhos para o aumento dos jovens ditos “sem religião” (de 4,8% em 1991, para 7,4% em 2000) e para a rejeição das instituições religiosas por eles, os grupos religiosos mostram que a juventude ainda se interessa por Deus. Conforme explica o professor de Jornalismo da UFF e doutor em História Alceste Pinheiro de Almeida, o que aconteceu foi um aumento dos que se dizem sem religião, e em oposição, um crescimento da militância jovem dentro dos movimentos religiosos. “A militância pode ter aumentado, sendo mais visível que há alguns anos. A presença é maior, embora o número possa ser menor”, explicou. Ainda segundo ele, há dentro das religiões mais tradicionais movimentos destinados apenas aos jovens, com músicas e pregações que correspondam a esse estilo, embora tudo seja extremamente tradicionalista.

Nos *campi* da UFF atuam grupos jovens de três denominações religiosas. O segmento evangélico é representado pelo Movimento Estudantil Alfa e Ômega (AeO), que é o mais antigo. Fruto de um movimento cristão internacional,

surgiu na universidade há aproximadamente 15 anos.

Dirigente do AeO, Gustavo Pereira diz que a função do grupo é fazer com que cada um experimente a transformação. “Acreditamos que o indivíduo só pode mudar a sociedade se ele for transformado. E entendemos que, para que isso aconteça, a mudança que o relacionamento com Cristo pode trazer é essencial”, afirmou.

Atualmente, o grupo reúne, por semana, cerca de 50 pessoas. As atividades variam de reuniões de “quebra-

gelo”, nas quais os estudantes interagem uns com os outros, a estudos bíblicos e discussões. Os encontros se realizam toda quinta-feira, às 12h30, no Campus do Gragoatá, Bloco N, sala 305, São Domingos, Niterói.

Já o Núcleo Espírita Universitário (NEU) voltou à atividade após um longo período inativo, em novembro de 2006. As reuniões são realizadas na sala de vídeo da Biblioteca Central do Gragoatá, toda terça-feira, entre 12h30 e 14h, e propõem a discussão de temas do cotidiano. Os estudos são escolhidos, e um membro se responsabiliza pela busca do material a ser usado.

Os estudos são escolhidos, e um membro se responsabiliza pela busca do material a ser usado.

Espírita há mais de dez anos, o mestrando José Maurício Miranda atuou na reestruturação do NEU. Junto com um grupo de amigos decidiu reativar o grupo que tinha acabado pela falta de frequentadores. Entretanto, ele diz que o grupo nunca teve um público muito grande. Para Miranda, uma das possíveis justificativas é que “religião dentro da universidade é um tabu. Quando fomos reativar o grupo, fiz propaganda na comunidade de História em um site de relacionamento. O tópico recebeu vários comentários absurdos”, lamentou.

Outra possível explicação é a pouca expressividade da religião no país. “O número de espíritas gira em torno de três milhões. Isso não é nada perto dos 190 milhões de brasileiros”, acrescentou.

Outro segmento religioso com representatividade jovem dentro da UFF é o católico, na figura dos grupos de oração universitário (GOU). Surgido em 2004, o São Miguel Arcanjo é um dos três GOUs presentes na instituição. Além dele, existem o Mãe, primeiro dentro do Estado do Rio, e o Frutos da Divina Misericórdia. O coordenador do São Miguel Arcanjo, Allysson Moraes, diz que participa de movimentos religiosos desde os 14 anos. Para ele, o GOU é um momento de conversa com Deus. “Qualquer participante



tolerância de credos é marca da UFF



que tenha alguma palavra de Deus para os demais, pode se sentir à vontade de nos revelar. Então, o espírito de coletividade, de fraternidade, de confiança, de respeito e amor um pelo outro é algo muito caro para nós e pode ser vivido a cada reunião”, explicou.

Porém o grupo não se resume às reuniões no campus. “Temos momentos de confraternização, além do GOU, como um dia de praia, caminhada, rodízio de pizza, dentre outras atividades. A comunhão é algo amplo que pode ser vivido, e muito, também em nossos momentos mais descontraídos”, completou. O GOU São Miguel Arcanjo se reúne toda terça-feira, às 17h45, no Bandeirão 2 do Gragoatá.

Em um cenário de diversidade religiosa, a discussão em torno do tema é figura presente nos espaços institucionais. De acordo com o professor da UFF e doutor em Sociologia Maurício Martins, a UFF mantém a postura laica ao abrir espaço para que os grupos jovens se reúnam, permitindo o exercício da democracia. “Religião é sempre um assunto polêmico e controverso, por isso, a universidade tem de se manter como um espaço laico. Porém deve respeitar a opção religiosa de cada um e permitir que esses jovens exerçam sua liberdade”, opinou. Já o professor Alceste Pinheiro de Almeida, que também é coordenador do projeto Observatório de Igrejas, ques-

tiona a cessão. “É um absurdo que o espaço público e laico seja aberto a isso. O culto deve ser próprio de seu espaço, e não na universidade. No mínimo, deveria ser aberta uma discussão sobre esse assunto”, sugeriu.

O espírito de tolerância aos diversos credos religiosos é marca da Universidade Federal Fluminense. Anualmente, a instituição realiza o Encontro Inter-Religioso (Celebrativo), que, em 2008, teve como tema a intolerância. O evento reuniu líderes de 17 denominações religiosas que proferiram palavras sobre o respeito a todas as religiões. A inspiração para o tema veio da depredação, em junho do ano passado, do Centro de Umbanda Cruz de Oxalá, no bairro do Catete, no Rio de Janeiro, por jovens de outra denominação religiosa.

Ainda no aspecto da barbárie, a Polícia Civil, juntamente com lideranças religiosas, elaborou a *Cartilha de combate à intolerância religiosa*. A obra foi lançada no dia 20 de janeiro deste ano. ◦



Acordo entre Brasil e Vaticano ameaça laicidade do Estado

Um acordo firmado em novembro de 2008 ameaça pôr em risco a laicidade do Estado brasileiro. A polêmica provém de um projeto assinado entre o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o Estado do Vaticano que concede uma série de benefícios à Igreja Católica. A parceria ainda necessita ser aprovada, mas já promete gerar uma guerra santa entre os parlamentares envolvidos com movimentos católicos e evangélicos.

Está previsto no acordo, dentre outros pontos, o ensino religioso nas escolas públicas, e a proposição já está gerando polêmica. O deputado Pedro Ribeiro (PMDB-CE), integrante da Frente Parlamentar Evangélica, é um dos que garante lutar para barrar a aprovação. “O acordo fere a laicidade, a isonomia e a soberania nacional, além da liberdade religiosa. Com ele, se explicita o reconhecimento do ensino católico nas salas de aula”, afirmou o parlamentar, em entrevista a um jornal de circulação.

Na opinião de Alceste Pinheiro de Almeida, os responsáveis pela formação das crianças são os pais. “Se a família acha que é bom que o filho tenha essa religião, ele que procure uma igreja. O Estado não tem de participar disso, por ser laico”, garantiu.

Além de ferir a laicidade, o acordo ainda levanta várias dúvidas. “Há uma série de outras questões que têm de ser discutidas. Por exemplo, no caso da educação religiosa, quem vai pagar o professor? Sua seleção será feita por meio de concurso público? E se essa pessoa mudar de religião?”, indagou ele.

O acordo gera uma brecha na lei – afinal, a igualdade entre as igrejas fica ameaçada. Segundo Pinheiro de Almeida, as outras denominações religiosas podem requerer os mesmos direitos.

Prós e contras na obrigatoriedade de diploma



Thales Rafael

Diagramação: Daniel Fernandez

Uma questão de extrema importância para a sociedade como um todo vem sendo mantida fora de foco pela grande mídia brasileira: é o recurso extraordinário 511961, cujo relator é o presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), ministro Gilmar Mendes. O recurso acaba com a obrigatoriedade do diploma para exercer a profissão jornalística em um momento no qual a Lei 5.250/67 – a chamada Lei de Imprensa – também está sendo revista.

Alguns argumentos contrários ao diploma o questionam dizendo que não é condição necessária nem suficiente para o exercício da profissão. Outros refutam essa posição ressaltando que o diploma garante um maior preparo do profissional para a apuração da notícia, a distinção entre uma opinião e um fato e a garantia de um trabalho sério por parte dos jornalistas. Ou seja, o debate passa pelo conceito de credibilidade. Para a professora do curso de Jornalismo da UFF Sylvia Moretzsohn, jornalista há mais de 20 anos com passagem por jornais como *O Estado de S. Paulo*, *O Globo* e *Folha de S. Paulo*, o diploma não garante no todo essa legitimidade. “Essa é uma questão complicada, porque os jornalistas atuantes são jornalistas por formação e, mesmo assim, cometem espantosos deslizes. Afinal, há cursos e cursos. E cursos de Comunicação se multiplicam inacreditavelmente sem haver uma orientação ética básica para eles (a não ser no papel, talvez), de modo que muitos formam declaradamente ‘para o mercado’, que é este mercado do jornalismo hegemônico”, explicou ela, defensora da obrigatoriedade do diploma.

Para a professora, o diploma é necessário na medida em que “apenas num curso específico (de qualidade, naturalmente, mas isso vale para qualquer curso) o futuro jornalista poderá compreender os problemas e os dilemas éticos que envolvem a tarefa de informar, em meio aos diversos interesses das fontes e à complexidade do próprio sistema comandado pelos grandes

conglomerados de comunicação”.

Já para o coordenador do curso de graduação em Estudos de Mídia, na UFF desde 1992, professor Afonso de Albuquerque, o diploma é um obstáculo ao princípio constitucional que garante a liberdade de expressão. “Acreditava-se que a universidade daria uma formação técnica, que substituiria o tradicional sistema de ingresso por indicação – que levava a que muitas redações tivessem um bom número de esquerdistas. Sabemos que esse intento fracassou. De todo modo, a obrigatoriedade do diploma para o exercício do jornalismo é efetivamente um entrave à liberdade de expressão”, destacou.

Segundo Albuquerque, o diploma foi um dispositivo utilizado pelo regime militar para controlar os jornalistas por meio do Decreto-lei 972 de 1979, que dispõe sobre a atividade jornalística. “Ao regulamentar a profissão, o decreto estabeleceu o diploma como condição *sine qua non* (sem o qual não pode ser) para o acesso ao jornalismo. Isso levou a uma explosão do número de cursos e criou uma enorme massa de jornalistas formados que disputavam um número limitado de vagas de trabalho. É importante ter em vista que o diploma está longe de garantir uma valorização para o profissional. Jornalistas trabalham muito e ganham pouco”, afirmou.

O grande número de instituições de ensino que oferecem o curso de Jornalismo destacado por ambos os professores é crucial na discussão da obrigatoriedade. Dados do Ministério da Educação informam que existem hoje cerca de 370 graduações em Jornalismo. Cerca de 28 mil formandos ingressam no mercado jornalístico todo ano, e a média salarial dos jornalistas é de R\$ 2.321. Os maiores salários são encontrados na Região Sudeste e no Distrito Federal. A menor folha salarial é encontrada em estados da Região Nordeste e Norte, como Ceará e Piauí.

Os números, a princípio, podem indicar que have-

ria desvalorização ainda maior no segmento e a criação de um enorme exército de trabalhadores em reserva, favorecendo as empresas midiáticas na redução da folha de pagamento. Contudo, nem para Albuquerque, nem para Sylvia, essa é a questão. “Não creio que seja esse o problema, porque os jornalistas formados atendem perfeitamente às orientações das empresas. Claro que há exceções, mas são minoria. Do contrário, os jornais não seriam o que são. Mas me parece claro que, sem essa exigência, as empresas teriam muito mais liberdade para contratar quem estivesse afinado com suas orientações”, esclareceu Sylvia.

De acordo com Afonso Albuquerque, a faculdade deveria ser o respaldo para os profissionais na hora de conseguir um emprego. “Se as empresas valorizariam os jornalistas formados? Acho que se a formação universitária se provasse um diferencial na qualidade do profissional, creio que isso aconteceria. Caso contrário, não. É importante ter em vista que na maior parte dos países do mundo não existe a exigência do jornalista ser formado.”

O Brasil junta-se a países como África do Sul, Arábia Saudita, Colômbia, Equador e outros na exigência do diploma. No lado oposto, um grande número de países, como Alemanha, Argentina, Estados Unidos, França, Japão e Reino Unido, já aboliu a necessidade do diploma para profissionais atuarem no mercado de trabalho.

Em setembro do ano passado, a Federação Nacional dos Jornalistas realizou uma pesquisa com duas mil pessoas de 24 estados brasileiros a respeito do tema. O resultado mostrou que mais de 70% da população brasileira é a favor do diploma para os jornalistas contra 13,9% que são contra. Na mesma pesquisa, a credibilidade da imprensa nacional foi avaliada – 42,7% dos entrevistados acreditam no que é noticiado pela mídia, 12,2% não acreditam e 41,6% acreditam apenas parcialmente.

Rir é o melhor remédio?



Gisele Gomes

Arte e diagramação: Daniel Fernandez e Bruno Madeira

“A festa foi maaara.”, “Tô pagaaano.”,
“Isso poode!” , “Beijos, me liga.”

Unidas ou separadas, você, sem dúvida, já deve ter ouvido essas expressões na rua, em uma roda de amigos, na fila do ônibus, no bar ou na faculdade. Sucessos que nunca saem de moda, os bordões dos programas de humor televisivos invadiram o cotidiano da sociedade há muito tempo. Facilmente adaptadas a diferentes situações reais, as frases flexíveis e de estruturas básicas são ilustradas por conteúdos e personagens que se renovam constantemente. Usar um bordão do momento pode familiarizar ou identificar as pessoas com o personagem que o popularizou.

O professor Guilherme Nery, do curso de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense, resume: “É uma questão de redação publicitária, no fim das contas”. Estrategicamente, os programas buscam coincidir os afetos, medos, desejos e sonhos de todos e de cada um, para chegar à fórmula do sucesso. Para Nery, a repercussão dessas expressões é a consagração dos humorísticos. E o que chama a atenção das pessoas, nesses casos, é o divertimento, puro e simples. “Provavelmente, é o ‘rir do outro’, sem precisar tirar qualquer lição de vida ou pensar de modo crítico sobre uma causa social. É relaxar de um dia cansativo”, acrescentou ele. No entanto, ao analisar especificamente um dos bordões, o especialista vai além. “Aquele moço que fala ‘tô pagano’ é uma metáfora crítica dos valores do

capitalismo de consumo. É a lógica do cliente que tem sempre razão. É a lógica do dinheiro.”

Há ainda outras formas de humor que utilizam estratégias consideradas de baixo calão. Guilherme Nery explica que o telespectador se projeta psiquicamente nas situações do quadro de humor, embora, de preferência, na posição do personagem dominante. “O ser humano parece ter um certo prazer com a desgraça do outro.” Contudo, a popularidade de muitos quadros, personagens e até mesmo a espetacularização das celebridades podem ser explicadas pela semelhança com a vida das pessoas – classe social, faixa etária ou local em que vivem, por exemplo. “Ao mostrarem o ‘lado humano’ de uma celebridade, produzem uma identificação do público com aquela pessoa e, por extensão cognitiva, do público com aquela lógica e estética”, definiu.

Mulheres quase nuas, piadas de mau gosto, quadros que humilham artistas ou pessoas comuns são constantemente exibidos nos programas humorísticos e tocam no limite da ética. Intensificado pelo individualismo, o humor, em casos como esses, se torna uma agressão contra um tipo social – gordos, carecas, anões, louras – e pode causar constrangimento. Segundo Nery, quando o quadro de humor explora a infelicidade de alguém ou de um tipo social, deixa de ser divertido e se torna humilhante. “Muitas pessoas se sentem bem em ver que o outro é mais ferrado que elas, como uma vingança contra a vida real.”

Apesar de gerarem discriminação contra um determinado grupo social, não há como negar que os estereótipos fazem sucesso. De acordo com o especialista em comunicação, o segredo da repercussão é o exagero e a cristalização de alguns dos piores medos de uma sociedade, como o de se tomar burro, gay, gordo ou careca, por exemplo. Por isso, uma das saídas para o indivíduo real quando se enquadra nesse aspecto é intensificar seu estereótipo, como uma forma de escudo. “Se estou ficando careca, raspo a cabeça. Se sou meio loura, pinto mais o cabelo.” A segregação gerada pelo preconceito, estimulado por quadros de baixo calão e anti-éticos, é repleta de discursos carregados de determinados afetos e signos, em detrimento de outros.

Inovadores, críticos ou eschachados, os programas de humor exploram também a vida pública e privada das celebridades e políticos. Nery diz acreditar que todos os casos têm seus limites entre um uso idiotizante e um uso crítico. “É uma lógica social, que se alimenta de si mesma e aparenta ser circular, coesa e coerente”, complementou. Então, antes de avaliar o conceito de ética em uma sociedade midiática, é necessário analisar o público-alvo dos programas – o sucesso de seus bordões, dos quadros, os comentários nas ruas. Afinal, como já dizia Monteiro Lobato, “humor é a maneira imprevisível, certa e filosófica de ver as coisas”. ●

'Discere Docere Seminare'

 Adriana G. Barbosa

Arte e diagramação: Daniel Fernandez e Bruno Madeira

O Conselho Universitário da Universidade Federal Fluminense, em reunião extraordinária ocorrida em 21 de janeiro, elegeu seu brasão representativo. Escolha feita, a próxima etapa é a apresentação formal do símbolo heráldico maior da instituição à comunidade acadêmica, na Solenidade de Lançamento Oficial dos Símbolos Heráldicos da UFF, dia 18 de dezembro de 2009, aniversário da UFF. A previsão é de que até as comemorações do Jubileu de Ouro da universidade, em 2010, o brasão vigore oficialmente como instrumento de chancela da instituição.

A criação do brasão faz parte do Projeto Heráldico da Universidade Federal Fluminense, criado e coordenado pela relações-públicas do Núcleo de Comunicação Social da UFF Maria de Fátima Barbosa D'Almeida. O trabalho tem como objetivo a criação dos símbolos e insígnias que serão utilizados em todos os documentos e solenidades da instituição.

Heráldica é a ciência que preserva a memória e as tradições institucionais dos povos, países, raças, línguas, entidades públicas e privadas, associações, clubes esportivos e sociais e a nobiliarquia das famílias. Segundo Fátima D'Almeida, "a heráldica é usada em instituições de ensino superior, poderes públicos – Executivo, Legislativo, Judiciário –, corporações, sociedades, academias, etc., mantendo assim, a historiografia de cada uma e conferindo-lhes legitimidade".

Além do brasão, faz parte do Projeto Heráldico da UFF a criação de outros 13 símbolos heráldicos: Bandeira da Universidade Federal Fluminense, Colar Reitoral, Colar do Mérito, Medalha do Mérito, Medalha do Mérito Funcional, Medalha Pró-Tempore, Medalha de Láurea Acadêmica, Título de Láurea Acadêmica, Medalha do Jubileu de Ouro (50 anos de fundação da UFF), Vestes Talares (becas) Reitoral, Professoral, Doutoral e Capa Acadêmica.

Todos os elementos heráldicos serão apresentados, simultaneamente, na Solenidade Oficial de Lançamento dos Símbolos Heráldicos, em dezembro de 2009.

Para executar o Projeto Heráldico da Universidade Federal Fluminense foi contratado o professor aposentado da Universidade Federal de Pernambuco e heraldista do Instituto Heráldico Americano, Marcílio Reinaux, responsável pelos símbolos heráldicos de 34 instituições nacionais, dentre elas, diversas

toriografia da instituição. "Essas entrevistas contêm elementos e detalhes fundamentais para a realização de qualquer trabalho heráldico", explicou Reinaux.

Em novembro de 2008, o especialista apresentou os trabalhos propostos no Projeto de Criação dos Símbolos Heráldicos da UFF. Para a apresentação, foram convidados ex-reitores, vice-reitor, pró-reitores, superintendentes, chefe de Gabinete, servidores técnico-administrativos e representantes do Diretório Central dos Estudantes. Foram mostrados 15 desenhos de brasões. Desses símbolos, cinco foram selecionados por votação.

Finalmente, dentre os cinco desenhos finalistas, foi realizada a escolha do brasão definitivo da Universidade Federal Fluminense. O símbolo escolhido reúne elementos que representam os três pilares da universidade – ensino, pesquisa e extensão – e tochas, que significam o saber e a fé. O brasão também ostenta a frase em latim "Discere, docere, seminare", que quer dizer "Aprender, ensinar e semear". Sugerida pelo professor emérito da UFF Rosalvo do Valle, a frase nos faz refletir sobre a essência da universidade.

Na mesma reunião extraordinária do Conselho Universitário, de 21 de janeiro, ficou definido que a logomarca da instituição, criada há mais de 40 anos pelo professor Israel Pedrosa, será mantida, conforme a configuração atual, em respeito à memória institucional nela contida. Foi definido também que a bandeira da instituição (um dos itens relacionados no projeto heráldico) permanecerá inalterada, resguardando a historiografia da UFF inserida no símbolo vigente.



universidades federais, tribunais de Justiça e de Contas de vários estados, Caixa Econômica Federal (DF), academias de artes, letras e música de Pernambuco e da Agência Nacional de Energia Elétrica.

O heraldista Marcílio Reinaux visitou a Universidade Federal Fluminense em agosto de 2008, para conhecer os *campi* e suas unidades. Na ocasião, realizou entrevistas com algumas personalidades da comunidade acadêmica, que puderam relatar a his-

Trote da UFF valoriza a vida



Kátia Vieira

Arte e diagramação: Daniel Fernandez

O que fazer quando você passa no vestibular da Universidade Federal Fluminense e vira um calouro? Comemorar, com trote tradicional, geralmente violento e humilhante, todo pintado com a identificação do curso, pedindo dinheiro em vários pontos da cidade ou aderir ao Trote Cultural, com atividades socioculturais? A UFF, desde 2001, de forma pioneira, deixa aos seus alunos a segunda opção, recebendo-os de forma solidária, criativa e divertida.

Com ineditismo, a UFF se antecipou ao Projeto de Lei 1.023/95, aprovado na Câmara dos Deputados e ainda em análise no Senado Federal, que proíbe a realização de trotes violentos ou vexatórios contra alunos do ensino superior. O projeto determina que a universidade abra processo disciplinar contra os estudantes responsáveis por esses atos.

De acordo com o projeto, as instituições ficam obrigadas a abrir processo disciplinar contra os alunos, com penas que variam de multas de até R\$ 20 mil ao cancelamento da matrícula e impedimento de inscrição em qualquer universidade por um ano. O dinheiro da multa deverá ser usado nas bibliotecas das escolas.

Segundo o pró-reitor de Assuntos Acadêmicos (Proac), Sidney Luiz de Matos Mello, um semestre começa e com ele também os trotes na UFF e em outras IES em todo o país. Muitos deles, consentidos pelos estudantes, são concebidos como brincadeiras e zombarias, nas quais se garante fundamentalmente que todos se divirtam. "Sem dúvida, esses trotes acabam integrando os que dele participam, como um ritual de aceitação. No entanto, não é fato raro nas manchetes de jornais casos de abusos na prática de atividades realizadas com intuito de receber os novos alunos, compreendendo desde agressões físicas aos pedágios realizados para arrecada-

ção de recursos, ou pintura de rostos, ouvidos e cabelos, dentre outros", enfatizou.

Na UFF, esta realidade foi mudada de forma significativa, após a publicação da Norma de Serviço nº387/93, que trata da recepção aos calouros e estabelece que cada unidade de ensino tenha um comitê de recepção para propor atividades que promovam a integração desses novos estudantes.

"Hoje, sob denominação geral de Acolhimento Estudantil, os novos alunos são recebidos das mais diversas formas, mas sempre contemplando um aspecto sociocultural que possibilita não só a integração de estudantes, calouros e veteranos, mas também práticas de exercícios de responsabilidade social por meio de atuação com as comunidades. Por esse motivo, fazemos um trabalho com os dirigentes de unidades da universidade no sentido de que façam suas programações no Projeto Trote Cultural, na Proac, para que, por meio dessas iniciativas, possam valorizar os que à nossa UFF chegam, dando exemplos de cidadania, de respeito à vida, à pessoa e à comunidade", concluiu Sidney Mello.

Na UFF, há oito anos, ocorre o Trote Cultural, quando, semestralmente, as coordenações de curso e/ou diretórios acadêmicos (DAs) apresentam à Equipe Trote Cultural atividades criativas, inovadoras e solidárias, focadas no perfil universitário.

No início das aulas, os veteranos organizam diversas campanhas de caráter interativo e social para receber os calouros. "Começamos esse projeto com cinco cursos. Hoje, estamos atendendo a 38 deles. O Trote Cultural está aberto a todas as unidades da universidade, bem como a todos os polos, como o exemplo de Campos dos Goytacazes, Rio das Ostras, Nova Friburgo", avaliou a coordenadora do projeto, Nelma Cezário. Ela ressalta que, de acordo com os DAs que já participam ou venham a integrar o evento, nenhum aluno é obrigado a tomar parte do trote organizado pelos veteranos.



Os recursos são conseguidos por meio de parcerias, como a Prefeitura de Niterói, as dos municípios onde funcionam os polos da UFF, além da Proac, que contribui para a confecção de material gráfico, blocos de papel, camisas alusivas ao Trote Cultural, transporte, etc.

A coordenadora esclarece que os cursos com a chancela do Projeto Trote Cultural têm maior facilidade para atrair parcerias. "O nosso ideal é que todos os cursos da UFF passem a integrar o Trote Cultural e, futuramente, possamos voltar a promover os shows que realizávamos para todos os cursos no Campus do Gragoatá, fazendo um grande encontro cultural", disse.

Interessados em participar do Trote Cultural devem entrar em contato com a equipe pelo telefone 2629-5093. •



Direito 2009

Comunicação UFF

Engenharia

Medicina

Unitevê quer ampliar atuação na universidade



Maria Léa Aguiar

Arte e diagramação: Daniel Fernandez e Bruno Madeira

Criada em 2002, como fruto da legislação de TV por cabo, que permitiu a utilização gratuita de canais universitários, comunitários, educacionais ou culturais e legislativos no sistema de cabeamento das TVs por assinatura, a Unitevê hoje quer se mostrar mais aberta para a universidade.

Com transmissão pelo canal 17 da NET ou pela web, em www.uff.br/uniteve, a Unitevê está no ar das 10h às 13h e das 15h às 20h, com uma programação basicamente realizada por professores da UFF ou de outras universidades federais, além de programas produzidos pelo Canal Saúde, da Fiocruz, ou pela Associação de Engenheiros da Petrobras (Aepet), que produz um programa semanal para cerca de 80 TVs comunitárias (a única universitária é a Unitevê).

O maior problema da Unitevê, hoje, é a produção de conteúdo, disse o diretor José Luiz Sanz de Oliveira, pois não basta criar um programa. Para ele, é preciso haver continuidade, e muitos, embora se entusiasmem no início, depois de certo tempo desistem.

Uma exceção nesse cenário é o programa *Polifonia das Ruas*, realizado inteiramente por Intérbio Aldrighi, um antigo profissional de rádio, com passagens pelas rádios Relógio, Tamoio, Mundial, Rio de Janeiro e, atualmente, na Roquete Pinto. Sozinho, ele montou um estúdio em casa e contratou pessoas para trabalhar na ilha de edição, tendo feito cerca de 120 vídeos, que são exibidos semanalmente e estão no ar há seis anos.

Polifonia... fala sobre personagens das ruas, mendigos, vendedores, discute violência contra mulheres, faz entrevistas

com secretários e políticos do município e vai ao ar em dois horários: às 12h de quarta-feira, com reprise às 18h30. O nome é uma alusão ao livro de João do Rio, *A alma encantadora das ruas*, uma coletânea de crônicas da cidade do Rio de Janeiro.

Intérbio Aldrighi agora está dedicado ao programa *Doc-Vídeo*, feito inteiramente por ele, em sua casa. São documentários sobre a história do rádio, do telefone, do bonde, do cinema mudo ou falado, sempre com imagens colhidas de outras fontes e organizadas e editadas pelo radialista e exibidas semanalmente, às segundas-feiras, às 11h e às 18h.

A tarefa hoje, segundo Sanz de Oliveira, é ampliar a atuação do canal dentro da universidade, além de aumentar o horário de transmissão, para ser conhecida como uma TV universitária, o que também é desejo do reitor Roberto Salles. “Eu particularmente acho que a TV da UFF poderia ter mais opções de programação, até mesmo para mostrar os projetos científicos da própria universidade à sociedade”, confirmou Salles. A idéia é que a Unitevê se instale ao lado do NTI e do Departamento de Ensino à Distância, no prédio que será construído no Campus da Praia Vermelha.

A Unitevê opera hoje com sete funcionários, um diretor-geral, um diretor de programação e cinco operadores, mas os programas são colocados no ar manualmente, um DVD atrás do outro. No momento, a equipe está fazendo levantamento de preços do software que, sozinho, coloca no ar a programação, o que facilitaria a utilização dos horários em que não há expediente. ●



Campus

Notícias sobre eventos e acontecimentos na UFF

Vestibular extraordinário – O polo de Campos dos Goytacazes, no norte do Estado do Rio de Janeiro, realiza, no meio deste ano, um vestibular extraordinário. As 150 vagas são para os cursos de Ciências Econômicas, Ciências Sociais e Geografia, atendendo à demanda e a um enorme potencial para criação de cursos novos e expansão de vagas no interior do estado – uma das metas do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) do MEC.

Sangue não sobra – O Huap necessita de doadores. O hospital é uma uni-

dade que realiza procedimentos de alta complexidade. Assim, é imprescindível dispor de sangue em quantidade e qualidade adequadas. Quando não há sangue numa unidade como o Huap, cirurgias

Banco de Fotos do Nucs



podem ser canceladas. Todos precisam ter a consciência de que a doação não deve ser feita só porque estoques estão baixos. É necessário manter níveis adequados, pois a qualquer momento podem acontecer imprevistos e, conseqüentemente, atendimentos emergenciais. Após a doação e testes realizados, o sangue estará no corpo de alguém que realmente está precisando. Procure o Banco de Sangue do Huap, o Hemonit, no térreo no Huap, e doe um pouco de seu sangue. Sangue não sobra! Informações pelos telefones 2629-9070 e 2629-9063.

(Rosane Fernandes)

Projeto Conheça a UFF recebe alunos de Resende



Clara Araújo

Diagramação: Daniel Fernandez

Alunos do terceiro ano do ensino médio do Colégio São José Salesiano, de Resende, interior do Rio de Janeiro, viveram um dia de universitários. Durante a manhã do dia 16 de março, os 13 jovens conheceram alguns dos *campi* da universidade e formaram a primeira turma de 2009 do Projeto Conheça a UFF.

O programa, desenvolvido pelo Núcleo de Comunicação Social (Nucs) da UFF, busca apresentar a instituição aos alunos que desejam prestar o vestibular e cursar o ensino superior numa universidade pública de qualidade. Direcionado aos estudantes do ensino médio das escolas públicas e privadas, o projeto atua de duas maneiras: participação da UFF em feiras de profissões nas escolas e visitas guiadas pela universidade.

O primeiro local visitado foi a Faculdade de Direito. Lá, os estudantes conheceram as salas de aula e entrevistaram alunos da graduação para tirar suas dúvidas sobre o mercado de trabalho e a estrutura do curso. Durante a visita ao prédio, conheceram um pouco da história da UFF e da cidade de Niterói. Eles também aprenderam sobre a estrutura acadêmica e a importância da pesquisa dentro da universidade.

Depois da Faculdade de Direito, o destino do passeio foi o Instituto de Arte e Comunicação Social (Iacs). A primeira parada dentro do instituto foi o estúdio de gravação de cinema e TV. O *switcher* do estúdio (local onde são mescladas e editadas as imagens), com todos os seus botões e monitores, foi a maior atração da visita. Ainda no Iacs, os futuros universitários receberam o fluxograma com as disciplinas dos cursos que eles pretendem cursar.

O último ponto da visita foi o Instituto Biomédico, onde foram recebidos pela coordenadora do curso de Biomedicina, professora Helena Rodrigues Lopes.

Ela explicou a estrutura do curso e frisou a diferença entre medicina e biomedicina. “Neste curso vocês não aplicarão remédios. Mas poderão salvar vidas por meio da pesquisa”, afirmou a coordenadora.

Ainda no Instituto Biomédico, os estudantes assistiram a aula prática no Laboratório de Histologia, ministrada pelo professor Luiz Carlos Nogueira. Nessa atividade, os jovens de Resende aprenderam como manusear um microscópio e se divertiram com a espontaneidade do professor. “Foi legal, porque na escola todo mundo diz que a faculdade é um lugar bastante rígido, e a gente viu que não é bem assim”, disse a estudante Thais Mandarino, 17 anos.

No final da visita, cada aluno recebeu um kit para a montagem da “mosquitérica”, um equipamento feito com garrafa PET desenvolvido pela Faculdade de Biomedicina para capturar mosquitos da dengue. “Gostei muito da visita porque nos ajudou a conhecer como realmente funciona a universidade. Agora, a gente vai poder escolher melhor o que quer cursar”, completou Thais Mandarino.

Clara Araújo



Alunos de Resende visitaram *campi* da universidade

Livros da Editora da UFF



Sonia de Onofre (Coordenação)

Compras on-line pelo site: www.eduff.uff.br

20 peças para violão solo



Luiz Gonzaga da Silva

72 páginas
R\$ 10

A edição reúne músicas selecionadas de um acervo que supera 500 obras de um dos criadores e instrumentistas mais representativos da história musical brasileira contemporânea. A trajetória de Luiz Gonzaga da Silva iniciou-se no coração do interior do Nordeste, que exerceu fortes influências sociológicas e antropológicas que enriqueceram seu trabalho como compositor, professor e artesão.

Monarquia e Igreja na Galiza na segunda metade do século VI



Organizadora: Leila Rodrigues da Silva

143 páginas
R\$ 20

O livro oferece visão detalhada do *corpus* documental de Martinho de Braga, bispo bracarense de grande relevância para a conversão dos suevos ao cristianismo católico niceísta. Sua cuidadosa análise contextual apresenta as vinculações institucionais entre a monarquia sueva e o episcopado que tinha em Martinho de Braga seu grande mentor.

Direitos humanos em debate



Organizador: José Nilton de Souza

152 páginas
R\$ 20

Conjunto de ensaios produzidos por sete projetos de extensão universitária, reunidos no Programa Rede de Direitos Humanos da UFF, iniciativa com vista ao desenvolvimento articulado de ações ligadas à salvaguarda de um dos princípios básicos da República: a dignidade da pessoa humana.

Centro de Artes UFF - Confira a programação em www.centrodeartes.uff.br